



Depois das inundações: Poente no Choupal

(Cliché do sr. Carlos Pereira Cardo)

N.º 257 Lisboa, 23 de Janeiro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4800—Semestre, 25400—Trimestre, 15200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O-SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão RUA DO SÉCULO, 43

A mulher de sociedade ou a artista



completa a sua belleza idealisando-a com o uso do **Creme Sirene**. E' o producto de mais confiança, pois não tendo gorduras não faz brotar o cabelo! Dá á pelle um suave encanto tornando-a d'um encantador tom nacarado. Preço \$300; pelo cor-celo \$400. **Creme Sirene**—contra as manchas da pelle!—Este delicioso preparado é effizaz no aformoseamento da pelle, fazendo desaparecer toda e qualquer mancha. Preço \$300; pelo cor-celo \$400. **royal Extirpador**—o melhor depilatorio! O unico reconhecido até hoje como decisivo extirpador dos superfluos cabellos que desfeiam o rosto da mulher! Não irrita nem queima a pelle. Preço \$300; pelo cor-celo \$400. **Creme Sirene**—de pepinos perfumados!—excellent para amaciar a pelle! Caixa bisnaga 300 rs.; pelo cor-celo 350.

Rouge Liquido Sirene—Preparado em bases vegetaes este delicioso preparado, dá uma deliciosa cor de nacar, á cutis da mulher, delificando ao mesmo tempo toda a aspereza da pelle. Torna os labios, verdaderos botões de rosa livrando-os do importuno cetro que os corroe e estraga. Preço 300 réis. Cor-celo 350.

Pol-Pourri Sirene—de amendoas perfumadas—Este delicioso producto substitue, com vantagem o uso do sabonete, nas peccadas de cutis delicada.—Preço \$300; Cor-celo \$400.
A' venda na Perfumaria Balsemô—Rua Conceição, 44.
DEPOSITO GERAL—Rua Conceição, 46, 2.º. Telephone 2777

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa



MADAME Brouillard

Diz o passado e o presente e pre futuro, com veracidade e rapidez: comparavel em vaticínios. Pêlo o que fez das sciencias, chiromancia, nologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lani Desbarrolles, Lambroz, d'Arpenis, madame Brouillard tem percorrido principaes cidades da Europa e América onde foi admirada pelos numerosos orates da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e toda

acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, e máo, italiano e hespanhol, há consultas diarias das 9 da manhã até da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA.
Consultas a \$1000 rs., 2\$500 e 3\$000

Laxatina

Contra a PRISÃO do VENTRE

E' o medicamento mais suave, economico e inoffensivo para adultos e creanças. Caixa 240 réis. COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE. Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA



Estomago

O carvão naphtolado granulado da **Companhia Portugueza Hygiene** é de grande efficacia nos casos de dyspepsia, dilatação do estomago, embaraço gastrico, digestões difficilissimas, flatulencia, diarrheas putridas e em geral nas fermentações estomacales. Frasco, 500 réis.

Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA

COMPREM AS

Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou cor: **Crepon, Duchesse, Cachemire, Messaline, Oatole, Colonne, Shantung, Mousseline**, largura 120 cm., desde fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as bluses e vestidos bordados em batiste, lá, voile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

Schweizer & C.º
Lucerne E II (Suissa)

Exportação de sedas Formecedores da Corte Real

~~~~~

# Coke inglez

PARA COZINHA

O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 125, 2.º

TELEPHONE 1738

~~~~~

Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma Landaulet, uma Landalette e um double phaeton em magnifico estado e de grande luxo. Trata-se na **Casa Simplex, bicyclettes, Discos e machinas fallantes J. Castello Branco.**

O que ha de melhor em bicyclette inglezas desde 23\$000 rs. com todos pertences. Accessorios barattissimos. Discos com assumptos politicos e uma novidade. Machinas fallantes de mais modernas desde 6\$000 réis.

Rua do Socorro, 23-B. Rua de S. Francisco, 34. Telephone 29

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XAROPE FAMEL

CURA INFALLIVELMENTE BRONCHITES MESMO CHRONICAS

TOSSES ASTHMA

PREÇO 800 REIS FCO

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL 2 15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA. FRANCO DE PORTE COMPIANDO DOIS FRASCOS.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Ma (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espezias de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece para os mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escripatorios e depositos

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 49

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**
Numero telephonic: Lisboa, 605—Porto, 1

CAPITAL	
Ações	360.000\$
Obrigações	323.910\$
Fundos de reserva e de amortisação ...	266.400\$
	Réis 950.310\$

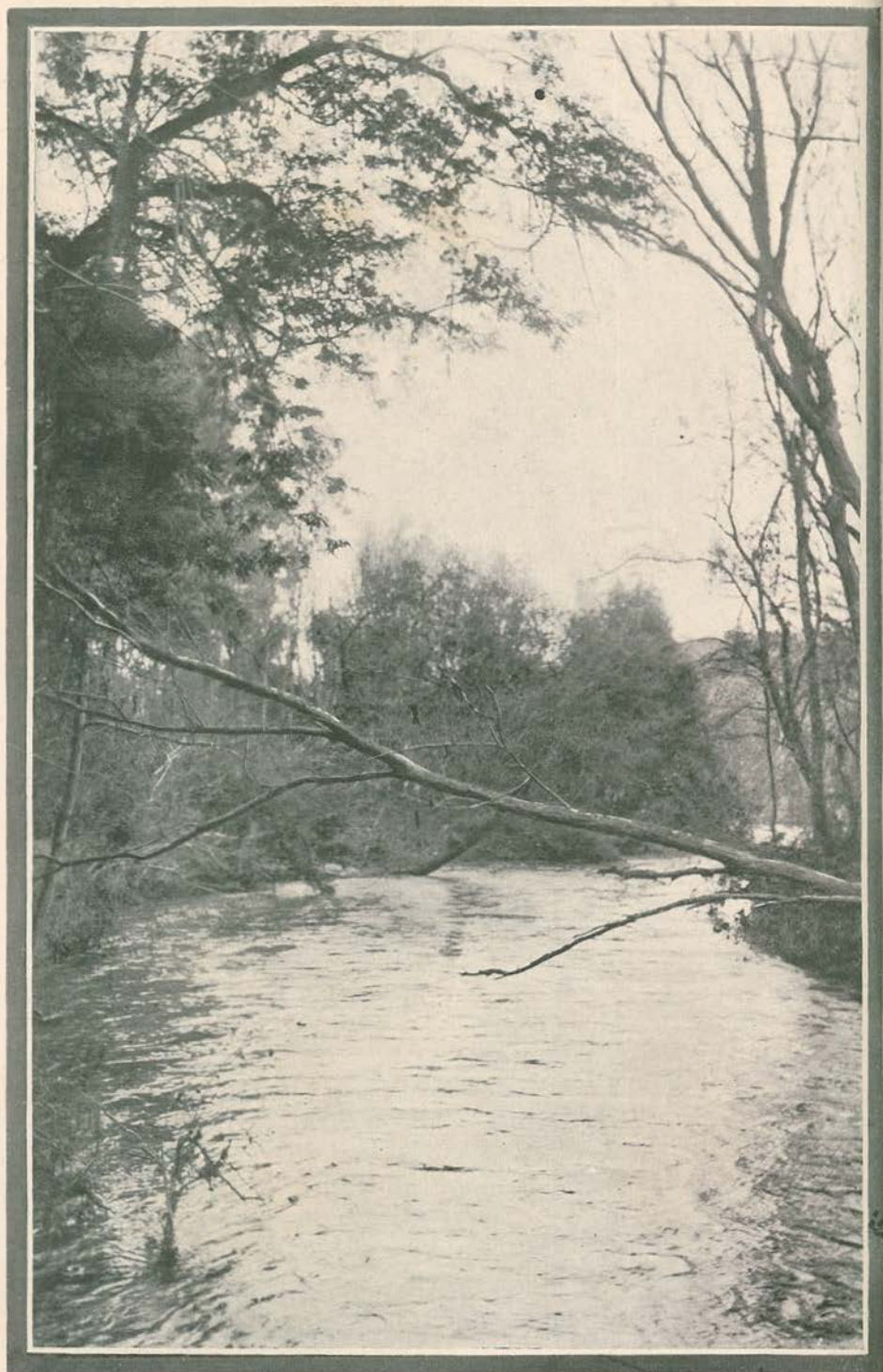
CHOUPAL INVADIDO PELO MONDEGO

Coimbra tem arredores bem pittorescos desde Santo Antonio da Oliveira ás bellezas da estrada da Beira, mas um que melhor evoca poesia, mais cheio de belleza é o *Choupal*, delicioso com as suas arvores altas, onde, pelos verões, os melros asso-biam as suas ironias, enquanto os estudantes vão poetando na doçura d'aquelle lindo logar.

Tambem ao Choupal chegou



Um lindissimo trecho do «Choupal»
inundado



As clatelras eram como grandes lagos



Os troncos dos choupos arrastados pela corrente para junto dos eucalyptos



1—Um trecho do «Choupal» inundado

a ultima inundação, tornando-o senão tão poetico como pelos ardores do verão ainda mais pittoresco; os troncos das arvores cahindo, os ramos juntando-se, as folhas mortas indo nas correntes, onde os esguios



2—Outro aspecto da inundação
3—Um ponte no «Choupal»



dar a imagem d'essas lindas arvores até que uns raios mais vivos de sol a sorvam e façam voltar, com os trinados dos melros, as relvas frescas com que a agua de agora ajudará a atapetar as veredas e as clareiras que a'agou.

choupos se miram, dão áquelle trecho de Portugal como umas longes de bosques da Hollanda As veredas, onde os bardos paravam por vezes a enta'har na casca dos choupos iniciais entrelaçadas, a evocarem amores distantes, alargaram-se, ficaram como pequenos riachos; as largas clareiras eram como lagos e tudo isto tudo reflectia as ultimas folhas do arvoredo; os troncos, os ramos, formavam os encantadores quadri-nhos que as nossas photographias revelam.

A agua anima sempre todos os trechos, dá-lhes mais vida, parece que lhes empresta tons diversos; nas cidades reflectindo as casas como nos bellos canaes venezianos, como nas originaes passagens holandezas; nos campos retalhando os dorsos das serras, correndo lenta nos plainos, com o seu ruido de notas cantantes, ou sendo, no formoso Choupal, como um espelho a guar-



Ao cair da tarde: O Mondego visto do «Choupal».

(Clichés Carlos Pereira Cardoso)

A CACADA AO ANARCHISTA A TRÁGEDIA DE SIDNEY STREET

A Inglaterra estremeceu de indignação diante d'uma batalha travada pelos terroristas russos contra a policia n'um dos seus populosos bairros, a dois passos do Stock Exchange, do Banco de Inglaterra, do London Hospital, na visinhança das grandes arterias de Mile End e de Commercial Road. Quasi por um acordo tacito

era na Inglaterra que se refugiavam os mais ferriveis revolucionarios de todos os paises. Apenas os vigiavam; elles respeitavam o asylo que se

lhes dava. Quando todos os governos da Europa lançavam contra elles as suas policias, a Gran-Bretanha deixava-os socegados e por isso jámais uma bomba de dynamite explodiu no Reino Unido, jámais um gesto de revolta partiu dos refugiados contra a policia, contra os magistrados, contra o poder inglez.

Em 16 de dezembro, uns individuos



1—Soldados atirando sobre a mansarda de Sidney Street 2—Policia e guardas de embuscada n'um celloiro em fr nte da mansarda 3—O ministro do interior, Churchill, assistindo ao ataque da casa de Sidney Street



Os bombeiros penetrando na casa incendiada pelos anarquistas

setecentos policiaes e soldados que continham a custo a mais heterogenea e ansiosa das multidões.

N'aquella parte da cidade vivem, com os numerosos refugiados politicos, turcos, armenios, syrios e uma numerosa colonia israelita; pois era toda esta multidão que assistia ao assalto da casa, deante da qual o proprio ministro do interior, Churchill, varias vezes se expôz aos tiros dos revolucionarios.

Após o incendio foram encontrados dois cadaveres carbonisados, custando, todavia, a acreditar que apenas dois homens tivessem causado semelhante tumulto, obrigado a deter-se durante um dia, a policia de Londres.

Tal foi o facto que indignou a Inglaterra, refugio dos perseguidos politicos de todo o mundo, e que encontrando ali abrigo sempre tinham vivido dentro das leis liberaes e dignas da grande nação.



O manequim confeccionado pela policia inglesa para desviar as atencões dos atacadores

ao serem surpreendidos a roubar a montra d'um ourives, defenderam-se violentamente da auctoridade, matando tres policiaes e ferindo outro. Levantou-se um clamor geral. O principio de respeito pelo *policemen* britannico fôra violado. Quem seriam os audaciosos que se lembravam tão ousadamente d'infringir uma das mais sagradas leis inglezas?! Sem duvida, estrangeiros de alguma terrivel associação de malleitores. De pesquisa em pesquisa, de averiguação em averiguação, soube-se que os criminosos pertenciam á seita dos terroristas russos que nos ultimos annos se teem abrigado em Londres.

Era necessario vingar aquelle acto, cujo unico precedente se dêra apenas ha noventa annos, quando da conspiração contra lord Harromly, chefe do governo.

Alguns dos terroristas viviam n'uma casa de Sidney Street e a policia, apoiada pela artilharia, pôz cerco ao bairro e foi atacar a morada dos revolucionarios que, novamente, se defenderam.

Dentro em pouco faziam da moradia uma barricada; appareciam de quando em quando nas janellas, a'vejavam os agentes, feriam-nos, viam-nos cahir, exgottando as suas numerosas munições e, por fim, n'um ultimo arranco, largaram fogo á casa, vendo que se tornava impossivel a fuga.

Ao começo dizia-se que o governo ordenára o incendio para poupar a população londrina áquelle spectaculo de um bairro cercado por

A GRÉVE GERAL DOS CAMINHOS DE FERRO

No tumulto das numerosas grèves que ultimamente se desencadearam, a mais importante foi a dos empregados ferro-viarios que durante dias paralisaram o movimento de todas as linhas, impedindo a sahida do *sud-express* alterando a vida commercial de todo o paiz e o serviço dos correios pela forçada inercia das locomotivas.

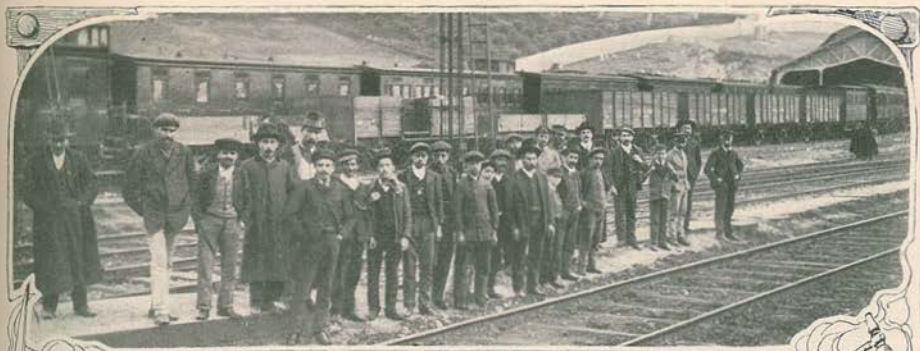
Desde novembro do anno passado que os ferro-viarios faziam as suas reclamações á Companhia que, ao cabo d'algum tempo se resolveu a tratar com elles, cedendo a parte das suas reclamações, relativas a augmento de salario, em 14 de janeiro, após 5 dias de gréve que preju-

A' porta da Estação Central do Rio de Janeiro, na manhã do dia 12, lendo o manifesto dos grévistas

dicando immenso a vida nacional se harmonisou depois de demoradas negociações entre os delegados dos grévistas e a administração da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro.



A plataforma superior da estação do Rio de Janeiro guardada pela tropa (Clichés de Benolfe)



1 e 2—Junto do tunel em Campolide
 3—A gare do Rocio
 4—Os ferro-viarios em Santa
 Apolonia aguardando
 o resultado da conferencia
 com o conselho da administração

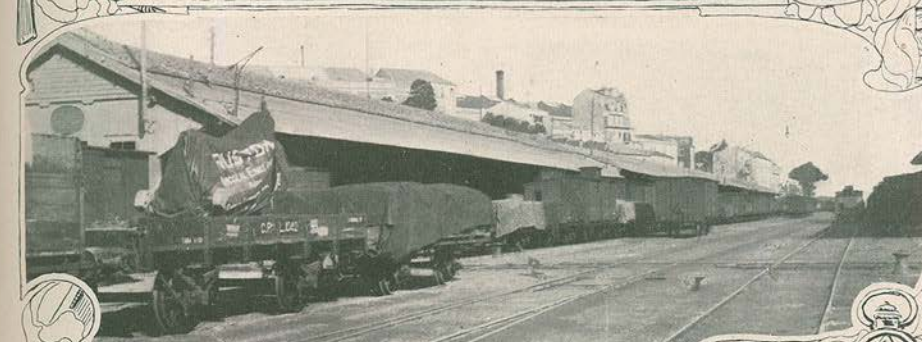
Os grévistas obtiveram
 o augmento de cem réis
 diarios para os empregados
 de ordenados inferior-





- 1—A reunião dos ferro-viários na rua do Mirante
- 2—Os ferro-viários em greve na gare do Rio de Janeiro
- 3—Na estação de Santa Apolonia

res a sessenta mil réis, vinte dias de licença anual, nove horas de trabalho para o pessoal das oficinas e passes para todos os ferros-viários. Logo que a Companhia



1—A comissão de resistência—dos grévistas a caminho do Rocio para conferenciar com o conselho de administração 2—O presidente da comissão de resistência falando aos grévistas 3—O material paralyzado em Santa Apolonia

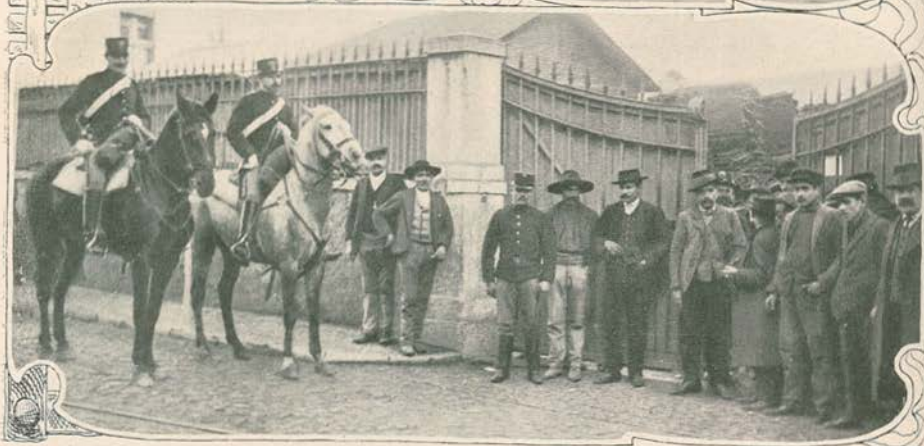
Carreira de Sousa e Fausto de Figueiredo, que concorreram poderosamente para a resolução das suas reclamações, apresentando-se depois a comissão de resistencia ao chefe do governo, a fim de assumir qualquer responsabilidade dos acontecimentos.

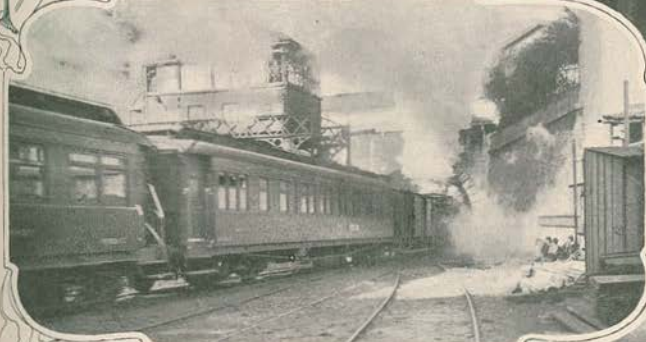


- 1—A estação do Rocio guardada pela cavallaria
 2—A saída da reunião da rua do Mirante: os grevistas dirigindo-se para a conferencia com o delegado da Companhia
 3—A porta de Santa Apollonia guardada pela cavallaria da guarda republicana

deliberou ceder ás reclamações dos grevistas, estes com a maior boa vontade, puzeram o material em movimento, sendo restabelecido o serviço em todas as linhas ferreas do paiz.

Em 16 de janeiro, á noite, um numeroso grupo de empregados da Companhia foi fazer manifestações de sympathia diante do ministerio dos estrangeiros e em frente das casas dos srs. Thomé de Barros Queiroz, engenheiro Antonio Bossa,





1—O administrador da Companhia sr. Fausto de Figueiredo ◯ com a comissão de resistência dos grevistas
2—O primeiro comboio que entrou no túnel depois de terminada a greve 3—Uma reunião de ferroviários em Santa Apolonia (Clichés de Benollet)



A GRÉVE DOS GAZOMISTAS DE LISBOA



1—A fabrica do Bom Sucesso, guardada pela tropa, durante a greve 2—O sr. dr. Antonio Centeno, director da Companhia do Gaz e um fogueiro que não adheriu á greve 3—A' hora da f'ria, no sabbado, no Bom Sucesso

Os gazomistas de Lisboa declararam-se em greve em 13 de janeiro, ao mesmo tempo que os ferro-viarios tinham abandonado o trabalho. Receou-se a falta de luz na cidade agitada pe'as reclamações dos traba-





los operarios. O governador civil publicou um edital, pedindo aos habitantes de Lisboa e ás casas commerciaes que gas-tassem a menor quantidade possivel de gaz, a fim de elle chegar para a illuminação das

lhadores, mas desde logo foram dadas ordens ao corpo de bombeiros para alguns dos seus homens irem trabalhar para os gazometros abandonados pe-



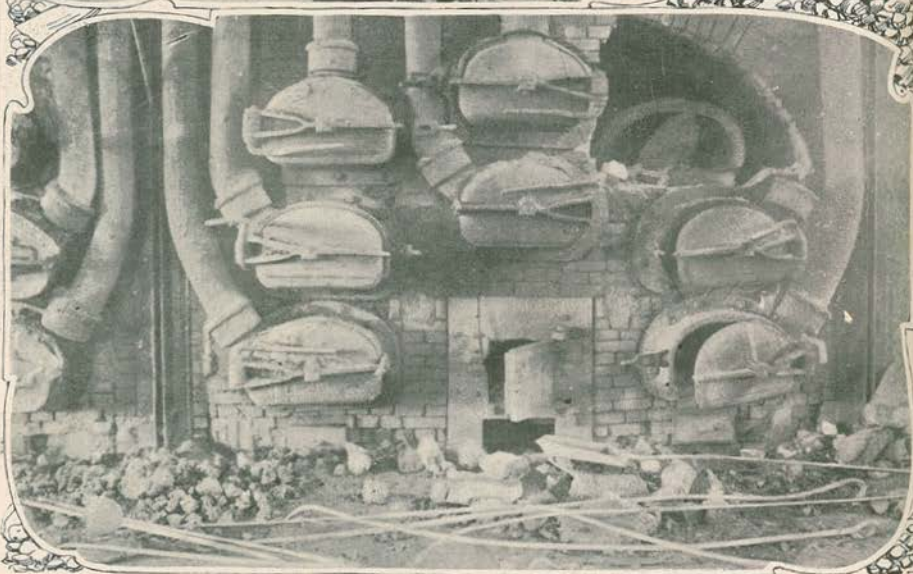
1—Pessoal dos bombeiros conduzindo o carvão para a carregação dos fornos
2—Os bombeiros trabalhando no gazometro 3—Outro aspecto dos trabalhos dos bombeiros no gazometro do Bom Sucesso 4—A guarda republicana no gazometro do Bom Sucesso



1— Bombeiros trabalhando nas retortas da fábrica do Bom Sucesso (Clichê de Benoliel)



ruas. Com efeito, devido a essas acertadas medidas e ao zelo dos moradores dos bairros mais distantes do centro da capital, e que acenderam elles proprios os candieiros, não se sentindo a falta de luz.



2—O director da Companhia sr. Paul Collart, com o sr. Emydio Lino da Silva, commandante dos Bombeiros 3— Marinheiros trabalhando na fabrica do Bom Sucesso 4—Um dos fornos destruidos

MADAME SELDA POTOCKA COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

A CARNE NA ALIMENTAÇÃO—OS PERIGOS E OS BENEFÍCIOS DA CARNE—A CARNE QUE SE DEVE COMER

A carne tem os seus inimigos implacáveis e os seus defensores exaltados. Parece-me que a confusão hoje estabelecida pelo debate entre os inimigos e os apologistas da carne provém do ponto de vista sob o qual os higienistas encaram a questão:—quasi todos applicando-a ao regimen do homem doente. O medico vê primeiro que tudo a doença e legisla para a enfermidade. Estas minhas conversas sobre alimentação não teem porém que applicar-se aos casos especiaes em que se recommenda o conselho e o exame do medico. Destinam-se a servir de guia aos sãos. Por isso eu aconselho o uso da carne. O uso moderado, não o abuso. A carne tem os defeitos correspondentes ás suas qualidades. O excesso da carne é nocivo. A abstinencia da carne é prejudicial.

A carne é um alimento forte, tonificante, mas contém substancias nocivas, que em fórma de depositos calcareos se depositam nas arterias e provocam a rigidez das articulações, as anormalidades circulatorias—n'uma palavra, a arteriosclerose e a velhice.

Abandonar a carne porque ella pôde, quando ingerida sem methodo, prejudicar a saude, é o mesmo que privar-se uma pessoa do ar livre porque elle pôde constipal-a. A natureza deu ao homem os dentes necessarios á trituração da carne. Elle precisa e deve comel-a. O que convém esclarecer é como, quando e quanta deve ingerir. Entendo que a carne deve entrar no regimen alimentar do homem são. Elle não carece porém de fazer uso d'ella mais do que uma vez ao dia. Desprezal-a com o radicalismo dos vegetarianos não me parece aconselhavel, por se tornar difficil, a não ser recorrendo a grandes accumulações de alimentos, substitui-a na sua abundante produção de globulos vermelhos. Coma-se carne. Mas, repito, não se abuse da carne.

Quando na alimentação intervém a carne com preponderancia, esta altera desde logo o funcionamento regular do figado, que se dilata, e produz o que



em medicina se chama a diathese arthritica e gottosa. A presença de excessos de acido urico no organismo é considerada justamente como a causa de muitas doenças graves.

Entre as infecções de caracter violentamente venenoso que podem ser originadas pela carne deve destacar-se a trichinose. A trichina é um verme microscopico que se encontra na carne de porco. Uma vez que penetra no organismo humano adquire uma grande virulencia, mina as paredes dos órgãos digestivos e vae localisar-se nos muscu'os.

A ténia tem uma origem semelhante. Segundo as especies, umas provém da carne de porco, outras da carne de vacca. A larva da ténia refugia-se no tecido muscular do animal morto. Se não é destruida pelo calor, incuba e desenvolve-se no intestino humano. No que respeita á tuberculose, ella constitue a prevalescente doença do gado e hoje não admite duvidas a transmissão da



«A Gula»—quadro de Jordaens

infecção tuberculosa intestinal pela ingestão de carnes tuberculizadas. Nas grandes cidades onde, como acontece em Lisboa, ha medicos veterinarios incumbidos da inspecção do gado destinado ao consumo, o perigo da infecção tuberculosa da carne está porém consideravelmente diminuido.

Dois processos ha para preparar a carne. Um destina-se a conservar á carne todo ou parte do seu succo — como no assar, frigr e grelhar. Outro tem por objecto extrahir d'ella toda a substancia alimentar, pela dissolução do tecido fibroso — como na sopa.

Para conservar todo o seu succo, a carne tem que ser sujeita primeiro a um calor intenso e pouco prolongado, a fim de obter-se a coagulação da albumina na superficie, devendo depois empregar-se um calor mais moderado até se obter a acção do calor na parte interna.

O assado é talvez o melhor systema de cos'nhar a carne, especialmente em grandes volumes. Frigr a carne é o peor dos methodos usados para a preparar. A absorção da gordura torna a carne secca, dura e indigesta. Nenhuma

cidade egual a Lisboa no uso abundante e immoderado da gordura para preparação dos alimentos. Sem gordura, a cozinheira de Lisboa não sabe cozinhar. Tirem-lhe a gordura, e'la fica desorientada, perplexa e inactiva, como se lhe tivessem apagado o fogão. Sempre me entristece vêr as bonitas criancinhas portuguezas com as faces empallidecidas pela alimentação gordurenta com que as nutrem, sacrificadas pela gordura — viciosa e cara gordura! A's guerras podem attribuir-se as funebres responsabilidades de milhares de victimas, mas os guisados contam as suas victimas aos milhões. A cozinha ingleza, a saudavel e fortificante cozinha ingleza, afugenta o terror preconceituoso e injustificavel pe'o uso da carne porque a fornece á mesa livre de gorduras, limpa, gostosa e facilmente digerivel. Ninguém melhor do que o povo inglez sabe preparar a carne, tão necessaria á sua actividade triumphante. Na cozinha ingleza se



«As bodas de Canaan», quadro de Jacopo Bassano

encontram os methodos mais perfeitos, as receitas mais apropriadas para cozinhar a carne.

Para extrahir o succo da carne, como na preparação da sopa, a carne deve ser cortada previamente em bocados, posta em agua fria, deixando-a ferver vagorosamente.

Na escolha das aves deve haver o cuidado em procurar que sejam creadas em liberdade. Gallinhas de gallinheiro são quasi sempre animaes anemicos e doentes. Um animal enfermo não pôde fornecer uma alimentação sádia. A caça, á venda nas cidades, é geralmente um alimento toxico, em principio de decomposição. Molhos, carnes estofadas, guisados — não deve pensar n'isso quem presa o bem estar e a saude. Servem apenas para gastar dinheiro, augmentar o trabalho da cozinha e arruinar o organismo.

Selda Potocka.

COMO SE PROCLAMOU A REPUBLICA

O ACTO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA TEM UMA IMPORTANCIA TÃO EXCEPCIONAL, QUE DESEJAMOS LANÇAR SOBRE ELLE TODA A LUZ, OBTER A DESCRIPÇÃO DE TODOS OS SEUS DETALHES. PARA ISSO SOLLICITAMOS DO SR. DR. EUSEBIO LEÃO, ILLUSTRE GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA, A NARRATIVA CIRCUNSTANCIADA DOS FACTOS.

«A noite de 4 para 5 d'outubro, fôra toda agitada de incertezas; a cidade ouvia de quando em quando ralar a artilharia da Rotunda; escutava tiroteios intermitentes, as tropas fieis acampavam no Rocio e havia a anciedade de se resolver a pendencia travada e de que sahiria a queda do regimen.

Pela madrugada, estava eu com José Relvas e José Barbosa no Hotel da Europa, na rua do Carmo. Lá embaixo, um cordão de caçadores, com as suas metralhadoras, barrava a passagem; nas esquinas, a distancia, grupos de populares olhavam anciosamente os soldados. Falava-se n'um desembarque de marinheiros, que subiriam as ruas da Baixa,



O sr. dr. Eusebio Leão proclamando a Republica da varanda da Camara Municipal



Na Camara Municipal de Lisboa no dia da proclamação da Republica: srs. Innocencio Camacho, dr. Malva do Valle, José Relvas, Eusebio Leão, José Barbosa

para dar batalha ás tropas fieis, que cercavam a praça de D. Pedro.

A cidade acordava; do hotel da Europa assistiamos ao que se passava no Rocio, e, dentro em pouco, anciosos, sahimos para a grande praça. Depois metti pela rua Nova do Carmo em direcção ao Chiado. Os populares viram-me passar; começaram a seguir-me, e, quasi em frente da pharmacia Durão, um grande grupo approximou-se, rodeou-me, disse-me para me refugiar ali por uns momentos, poi que a policia do Governo Civil ia sahir, andava excitada, clamava por chacinas. Eu insistia em seguir; mas chamavam, agarravam-me: «Não vá... Não vá—pediam-me, receando pela minha vida. Elles querem matar os nossos chefes.»

Detive-me uns instantes; ouvi-os e não me consentiu o animo ficar ali sem vêr o que se passava. Metti pela rua Anchieta; os grupos seguiam-me sempre. Em frente do governo civil estava uma multidão de policia; os populares repetiam o seu aviso, procuravam ainda vêr a attitudede dos guardas, diziam que ainda não se tratava de victoria, mas apenas do armistício para o embarque dos subditos allemães. Elles, então, acercaram-se; não tinham o ar hostil de que se falava; appareciam antes a dizerem que esperavam a tolerancia dos republicanos. Nós o que queremos é que não nos façam mal!—diziam elles.

Falei-lhes em nome do Directorio; garanti-lhes que não haveria represalias, aconselhei-os a manterem essa cordura de que davam provas, a não quererem lançar mais os portuguezes uns contra os outros, por exaggeros, pela defeza d'um



O sr. dr. Eusebio Leão e Feio Terenas a caminho do quartel do Carmo na manhã de 5 de outubro



regimen que estava condenado.

O sol, já descobria; seriam umas 7 horas da manhã. Feio Terenas, com a sua cabelleira romantica, todo ansioso de noticias, apparecera tambem, falou-me e deliberamos dirigir-nos á Camara Municipal.

A este tempo, já se concedera o armistício para o embarque dos subditos allemães, e, n'essa occasião, os soldados dos regimentos fieis, começaram a fraternisar com o povo. Grupos numerosos de populares desciam para as bandas do municipio; havia um entusiasmo em todos os rostos, uma grande esperança luzia em todos os olhos. O povo comprehendia instinctivamente que se ia alcançar a victoria do ideal ha tanto tempo latejante no seu coração, pelo qual se sacrificára, que era a sua preocupação de todos os dias. Entrámos na sala das sessões da Camara Municipal, onde depois penetravam José Relvas, José Barbosa, Innocencio Camacho e Malva do Valle; outros iam chegando com noticias d'essa confraternisação das tropas com o povo, da retirada provavel dos regimentos fieis para os seus quartéis, e então deliberou-se proclamar a Republica, dizer a todo esse povo que já enchia o largo, que tínhamos triumphado.

Reunimo-nos n'um instante, e eu, como secretario do Directorio, fiz commovidamente a proclamação, como consta do auto lavrado. Cheguei á varanda com os meus companheiros; tremiamos de um enorme commoção ao vêrmos os nossos esforços e toda essa energica e se-



guida obra de propaganda, obter um exito tão ambicionado.

Como sabe, eu estava doente; só a importancia decisiva do assumpto, da revolta que devia estalar, me obrigára a sair de casa para assistir á ultima reunião da casa de Innocencio Camacho e depois á dos banhos de S Paulo, onde aguardamos o signal combinado. Fôra indicado para ir ao paço de Belem falar com Hermes da Fonseca, após o desembarque dos marinheiros, mas o primitivo plano da revolta alterou-se e não foi necessario lá ir. Agora ali, no alto da varanda, vendo a praça apinhada de gente, o mais alto que pude, n'um entusiasmo comovido, declarei áquella grande multidão que a monarchia estava abolida, que a Republica estava proclamada.

Os vivas resoavam pela praça; os chapéus levantavam-se no ar, á luz do lindo sol d'aquella manhã; de todas as boccas sahia o mesmo brado, a mesma acclamação ao regimen que proclamavamos, após tantos annos de luctas, de perseguições, de desesperos, de sacrificios de toda a especie.

— Viva a Republica! gritei no fim da proclamação, e, durante uma larga meia hora, não se ouviu mais do que repetir esse brado.



1—O sr. José Relvas falando ao povo
2—O sr. Innocencio Camacho lendo o nome dos membros do ministerio no dia da proclamação da Republica
3—O sr. José Relvas ao começar o seu discurso

Chegava sempre mais gente; vinha dos bairros populares a inundar a praça. Já n'alguns edificios tremulava a bandeira da Republica, e ella ali estava tambem no municipio, a afirmar bem a victoria das idéas do povo

Innocencio Camacho lia á multidão a lista, já organizada, dos membros do ministerio e a nomeação do governador civil de Lisboa. O povo applaudia sempre intensamente os nomes que ia ouvindo. Entregavam-me o governo civil da capital...



O sr. Eusebio-Leão depois de ter declarado proclamada a Republica na varanda da Camara Municipal!



O sr. dr. Eusebio Leão, governador civil de Lisboa. (Cliché Bobone)

O illustre democrata, ao evocar esta scena tão grata á sua alma, parecia revivê-la; ter ainda ali, sob os seus olhos, a praça onde a multidão cheia de enthusiasmo, saudava a Republica, que vencia n'essa manhã de sol do dia 5 d'outubro, e então, declarou, n'um tom em que havia firmeza, mas em que parecia tambem haver saudade das passadas luctas:

—Foi o dia mais feliz da minha vida!...

—E, como foi escolhido o ministerio proclamado na Camara Municipal?! interrogámos, curiosamente

—Havia dias que o directorio o escolhera. Na casa de banhos de S. Paulo, na noite, para nós tão bella da revolução, tivemos que o alterar em vista da morte de Miguel Bombarda.

—E qual foi o primeiro acto de v. ex.^a depois de nomeado governador civil de Lisboa?!

—Ao sahir da Camara Municipal, dirigi-me com Feio Terenas para o quartel do Carmo, onde Malaquias de Lemos aguardava alguém do Directorio para lhe entregar o commando. Já ali estava Innocencio Camacho. Tratava-se de içar a bandeira republicana n'aquelle reducto. Não havia nenhuma bandeira verde e encarnada. Mandei buscar a do Directorio... Malaquias Lemos, entre os seus officiaes, olhava o Rocio, onde o povo saudava a Republica, olhava o quartel general, o



O sr. dr. Eusebio Leão no seu
e o sr. dr. Carlos Olavo,
no Civil

gabinete com o seu secretario
secretario geral do Gover-
(Clebés de Benollet)

castello, todos os edificios onde já tremulavam as côres da liberdade... Entreguei-lhe a bandeira; elle pediu-me licença para a passar ao seu ajudante, dizendo: Fica em muito boas mãos! O official içava-a, e como a haste oscilasse um pouco, o antigo commandante das guardas municipaes, seguiu-a...

A bandeira palpitou nos ares; o povo, no Rocio, apontando-a, saudava-a no mesmo grito de: «Viva a Republica!»

O governador civil de Lisboa, concluiu: Assim foi proclamado o novo regimen

ROCHA MARTINS.



Delphina Victor.
A distincta actriz cantora
que creou a herotina
da peça
«A Bailarina» no theatro
Apollo

A bomba a serviço da revolução

No primeiro artigo que a *Illustração Portuguesa* publicou subordinado á epigraphe *A bomba a serviço da revolução*, afirma que o sr. juiz Veiga, tendo conhecimento, na vespéra, do que se projectava para o 28 de janeiro, prevenira immediatamente o chefe do governo — ao tempo o sr. João Franco. Informações posteriores desmentem essa asserção. O sr. juiz Veiga, soube, é certo, com antecipação, que o 28 de janeiro registaria uma tentativa revolucionaria por parte dos republicanos, mas não o communicou ao sr. João Franco, porque, n'essa altura, as suas relações com o primeiro ministro portuguez estavam frias.

QUANTO PODE PRODUSIR UM CEGO

SOUZA VITERBO E A SUA OBRA

Quando, ha tres annos, a obsequiada de de dois amigos me levou até junto do dr. Souza Viterbo para lhe servir de auxiliar na amarga tarefa dos seus trabalhos, a minha primeira impressão deante d'aquelle corpo crucificado pelos mais acerbos martyrios, d'aquelles olhos limpidos, que pareciam desejar tudo vêr, mas nada viam, foi de intenso e indivisivel

pavôr! Eu conhecia-o só atravez a sua obra colossal de documentação e de talento, que deixa aparentemente antevêr uma



1—Souza Viterbo dictando os seus trabalhos (Cliche do sr. Mena Junior)
 2—Souza Viterbo ao 25 annos
 3—Souza Viterbo ao concluir o seu curso medico 4— Souza Viterbo poucos annos antes de cegar



grande energia, e não podia sequer admitir a hypothese de o aniquilamento physico d'um homem lhe deixar intacta, firme, clarissima, toda a sua forte cerebração. Mas assim era, em verdade! Aquelle raro phenomeno constituia o unico lenitivo, a unica janella por onde elle ainda sentia a vida, o derivativo necessario á amargura do viver D'ahi sobreveiu essa ancía extenuante de trabalho, essa fadiga de todos os momentos, a que só punha termo o descanso no leito, quando a noite baixava sobre a terra, porque na sua alma a noite era eterna!

Para falar de Souza Viterbo n'estas poucas linhas tudo o meu coração. De resto não cabe em tão pouco espa-

— mandar mais do que

ço um largo estudo sobre o seu typo moral e intellectual, que eu apenas annotarei de fugida, como sei e como

posso!

Sousa Viterbo nascera e educara-se a dentro d'essa atmosphera mesquinha e calma da vida provincial, iniciando as suas relações com o trabalho a retorcer, na velha retrozaria de seu pae, ao largo de S. Domingos, longos fios de seda, que iam entrelaçarem-se na pollicromia viva dos paramentos ricos. Principiára pois, por ser retrozeiro, e d'esse ambiente semi-religioso, ondeas dalmaticas e as estolas refulgiam d'ouro, surgiu

talvez a idéa de seus paes o tornarem padre, o mais completo ideal da carinhosa mãe provincial. E Sousa Viterbo obedeceu a essa corrente de paixão materna, estudando para padre. Foram seus mestres os mesmos que conheceram Camillo, em uma das suas mais graves crises de espirito, que o levou ao Seminario. A dentro d'aquellas mesmas paredes soffreram a dor aguda da incerteza e da duvida os dois homens, que um mesmo tormento physico havia de torturar no fim da vida

Concluido, porém, o curso, Sousa Viterbo não era já a creatura submissa que o mister exigia. Na sua cabeça, que uma soberba cabelleira emoldurava, no seu labio, nascia o poeta e o conquistador, que atirava para as ortigas, n'um largo arremesso de amoroso, a barbara e funebre batina, retor-

cendo o buçosito louro que lhe dava um ar de Saint-Preux.

Attrahira-o, por uma natural illusão do seu espirito, o estudo das sciencias. Do Seminario passou a frequentar a Escola Medica do Porto, mas o conquistador incorrigivel caiu sobre as garras do lente Lébre, especie de terror de dezenas de gerações academicas. Aos continuos donjuanismos em reuniões e bailes respondia a ameaça tremenda de um r. Sousa Viterbo resolve então fugir ao Porto, á seducção irresistivel da sua vida de rapaz, a essa especie de bohemia litteraria, talhada nos moldes de Musset, em que acamara d'ará com Alexandre da Conceição, com Guilherme e Alexandre Braga, com o pae Ramos e com tantos outros de quem, por vezes, lhe ouvi recordar saudosamente o brilho do talento, a grandeza de caracter e a bondade, quasi ingenua, d'essa camada de sonhadores, que mais sabiam viver pela alma, do que pelos interesses vis e mesquinhos de uma vida farta. Viterbo foge á seducção e ao sonho e começa em Lisboa a sua vida pratica, matriculando-se na Escola Medica e iniciando essa serie de exaggeros de esforço mental, a que só o seu cerebro bem educado podia resistir. Cursando distinctamente a Escola, dirigia ao mesmo tempo o *Jornal da Manhã*, do Porto, collaborava em jornaes de Lisboa, leccionava e não abandonava nunca os seus trabalhos litterarios.

A doença terrivel—a ataxia e a cegueira—que o vinham minando lentamente prendem-no por fim a um longo martyrio.





dez annos de martyrio, Milton feliz para cuja desgraça o destino encontrára aquelle balsamo suave d'um affecto e d'uma dedicação sem par! Na angustia do seu viver, que não conheci'egual, no abandono da felicidade, que foi para elle tão avára, aquella filha era como que o unico élo que o prendia á vida!

Mas, emfim, para se conhecer a individualidade litteraria de Sousa Viterbo preciso seria que se percorresse lentamente a sua obra immensa.

Não cabe essa tarefa no espaço limitado d'um *magazine*, nem certamente a minha penna é a mais auctorizada para o fazer. De resto, mais uma vez o repito ainda, eu sou demasiadamente suspeito para sobre Sousa Viterbo e a sua obra formular juizos.

de dez annos á pobre ca-deira, de onde nunca mais se ergueu!

Foi assim que o encontrei ha tres annos, por occasião da homenagem que eloquentemente lhe prestou a Associação dos Archeologos. Junto do seu corpo torturado pelas dôres physicas mais cruéis, a todas sobrepuzando a suprema dôr de não vêr, lá estava a esposa dedicada e essa filha amavel, que ficára eternamente presa á sua vida por um duplo laco de sentimento e de intelligencia. Ao seu braço se amparou durante



1—Sousa Viterbo e sua esposa
2—! casa de Sousa Viterbo em Bemfica
3—Um autographo

Dia a dia, com uma paciencia, que attingia, por vezes, a culminancia da heroicidade, D. Sophia Viterbo foi a companheira de seu pae já nos seus profundos estudos litterarios, já n'esses cuidados de que uma alma que soffre precisa a todos os momentos, que só o carinho d'uma filha pôde comprehender os mysteriosos segredos.

Para mim, a par do mestre immaculado, elle foi sempre e cada vez mais o amigo carinhoso e dedicado de tres annos. A sua vida ficará no meu espirito como um raro exemplo de caracter e se na sua campa me fôsse dado collocar uma divisa que concretisasse toda a sua vida, eu collocaria apenas estas tres palavras: *Trabalhou, amou e soffreu!*

ANTONIO GUIMARÃES.

*Não é extrema a requieira,
nem se fez noite sem tua luz.
Vejo um botão na roseira,
e esse botão me aborrecia...
Bem-dita seja a roseira!
Bento é seu nome — Sophia!*

*Sexta-feira de Paizem
de 1900*

Sousa Viterbo

OS CAIXEIROS DE LISBOA UM DIA DE GREVE



1—A comissão de resistência dos grevistas no seu automóvel, vendo-se de pé ao lado do «chauffeur» o libertário Constantino Mendes «O Norte» que foi detido pela guarda republicana depois de insultar um oficial.

Os caixeiros de Lisboa tinham solicitado do ministro do interior



2—Os grevistas querendo obrigar a fechar uma loja
3—Na Arcada: Discussões contra e a favor dos grevistas



1—O sr. Julio Silva presidente da Associação dos Calceiros abrindo a reuniões no Atheneu
2—A cavallaria disnta do Atheneu Commercial

a regulamentação do descanso semanal e a fixação do dia normal de trabalho. O sr. dr. Antonio José de Almeida declarou que apresentaria esses decretos até 10 de Janeiro e como o ultimo não fosse publicado no *Diario do Governo*, em virtude do voto contrario



Os calceiros na rua do Ouro



d'alguns membros do ministério que o acharam inoportuno, os caixeiros declararam-se em grève pretendendo fazer fechar os estabelecimentos o que conseguiram em parte.

A cidade apresentou durante o dia 11 de janeiro um aspecto balburdiento, patrulhas da guarda republicana policiavam as ruas onde numerosos grupos de empregados de commercio protestavam contra as lojas que se encontravam abertas.

Houve ligeiros tumultos entre os manifestantes e grupos de populares que com elles não concordavam; por vezes foi necessaria a prudente intervenção da guarda para evitar conflictos de maior importancia mas por fim tudo regressou á normalidade quando os caixeiros voltaram ao Atheneu a fazerem nova reunião.

O ministro do interior, perante esta situação, demittiu-se e a classe dos caixeiros reunida deliberou solicitar a reintegração do sr. dr Antonio José d'Almeida no seu cargo.

Uma grande comissão dirigiu-se ao chefe do governo a pedir a sua interferencia junto do ministro do interior para elle voltar ao ministério, ao que accedeu no dia seguinte, retomando os caixeiros o trabalho.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida ministro do interior, que fez a lei do descanso semanal



Na rua Nova do Carmo: Enquanto se procura fazer fechar as lojas



O sr. visconde da Ribeira Brava falando ao povo da janella do Atheneu Commercial

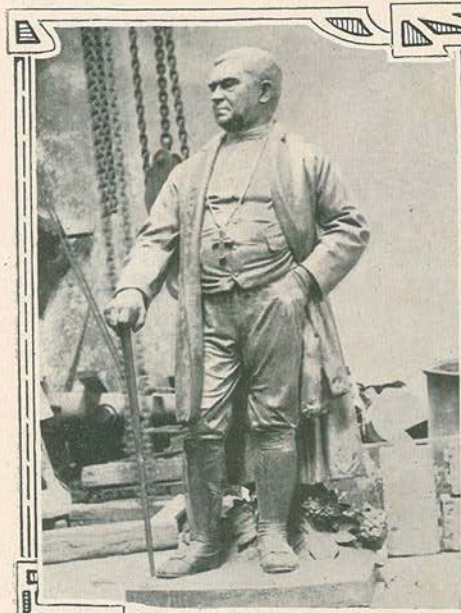


Aspecto dos grévistas no Rocio

(Clichés de Benoliet)



FIGURAS E FACTOS



1—A estatua do bispo de Vizeu destinada a esta cidade e que foi trabalhada na Fundação de Canhões. 2—Dr. Mario Monteiro, auctor do drama «Cinco de Outubro», em scena no theatro da rua dos Condes. 3—Serviço de almoço e jantar composto por 360 peças, em louça das Caldas bizarramente feito em forma de couve lombarda e executado na fabrica des srs. José Francisco de Souza e Filho